

APRESENTAÇÃO

A PANDEMIA EM UM MUNDO COMPLEXO E GLOBAL | PÓS-COLONIALIDADE E SOLIDARIEDADE EM PERSPECTIVAS

No início do ano de 2020, a província de Wuhan na China tornou-se o centro das atenções do mundo, o que se deu a partir das notícias que se espalharam rapidamente sobre um novo tipo de coronavírus, sobre o qual pouco se sabia até então. Logo, tornaram-se recorrentes nas redes sociais afirmações etnocêntricas e racistas envolvendo a suposta relação entre a origem do vírus e os hábitos alimentares chineses, além de falas de líderes mundiais, como Donald Trump, que responsabilizavam diretamente o país asiático pela pandemia. Em pouco tempo, a pandemia mudou seu epicentro da Ásia para a Europa, e da Europa para as Américas, aumentando as tensões entre os países, com a tomada de medidas drásticas que envolveram o confinamento em massa e o fechamento de fronteiras, o que foi ocorrendo de forma relativamente heterogênea em distintas nações.

A pandemia levou à produção de análises que evidenciavam o questionamento do modelo capitalista neoliberal em nossas sociedades, assim como outras questões como especismo, hábitos de consumo, desigualdades raciais etc. Ainda que num primeiro momento tenha sido amplamente noticiado que o grupo de risco da pandemia era constituído principalmente por idosos e pessoas com problemas de saúde anteriores, como evidenciava a experiência da Itália, posteriormente tornou-se evidente que as desigualdades é que produzem os principais grupos de risco, entre nações e dentro dos próprios países. Isso significa que a pandemia possui impactos distintos no Norte e no Sul global. Migrantes e refugiados que se encontram na Europa, que compõem uma parcela expressiva da população que atuam em serviços precarizados e que não pararam durante a pandemia (como nos serviços de entrega por aplicativos), assim como as populações de regiões da América Latina, enfrentaram uma maior exposição ao vírus por meio do acesso a transportes públicos precarizados, e sistemas de saúde colapsados.

O ineditismo da situação que se desdobrou num confinamento da população mundial como nunca antes visto, ocorreu de forma concomitante a fortes movimentos

negacionistas, que tanto se recusavam (e se recusam) a acreditar na existência do vírus e de seus efeitos, como também se posicionaram contra as medidas indicadas pela Organização Mundial de Saúde (OMS). Tornou-se célebre na imprensa mundial a posição do presidente brasileiro Jair Bolsonaro que classificou a pandemia como uma “gripezinha”, defendendo ainda o uso da hidroxicloroquina como prevenção e tratamento da COVID-19, ainda que não haja comprovação científica para tanto.

Deve-se ainda enfatizar o impacto do isolamento e do distanciamento social sobre as formas de sociabilidade, de interação e de formação de vínculos sociais. Esse fenômeno implica na necessidade de redimensionarmos as ferramentas de análise das ciências sociais, especialmente no que diz respeito aos fundamentos da pesquisa social. Tem-se ampliado a discussão sobre como produzir trabalho de campo, realizar entrevistas, interagir com nossos sujeitos de pesquisa sem a interação face a face no sentido mais tradicional do termo.

Considerando a heterogeneidade dos efeitos da pandemia no mundo, buscamos reunir nesse número pontos de vista plurais sobre essa nova realidade. Partindo de uma perspectiva anti-utilitarista pós/de/colonial buscamos fomentar o debate sobre o mundo pandêmico, enfatizando um olhar crítico sobre essa nova realidade que emerge. A receptividade da proposta da REALIS foi tão ampla que tivemos que organizar dois números sobre a pandemia a serem lançados neste ano de 2020, considerando a qualidade das propostas recebidas e as posições destacadas de muitos dos autores colaboradores.

Neste primeiro volume correspondente a 2020.1, consideramos que os textos reunidos respondem a alguns desafios centrais relativos à pandemia o que nos permitiu agrupá-los em três grupos temáticos: um primeiro sobre “Desafios teóricos da sociologia” com contribuições de Geoffrey Pleyers, Sari Hanafi, Breno Bringel e Alexandre Simão de Freitas. O segundo grupo intitulado “Impactos ecológicos e políticos” conta com as participações de Paul Cary e Jacques Rodriguez, Jaime Torres Guillen, Elimar Pinheiro do Nascimento e José Esteban Castro. O terceiro grupo nomeado “Implicações sobre os estudos pós-coloniais” conta com as presenças de Jaime Ríos Burga, Amurábi Oliveira e Júlio Mejía Navarrete. Além desses colaboradores acima assinalados este número da REALIS conta com uma entrevista especial do sociólogo argentino Adrián Scribano que foi realizada especialmente para a REALIS e também de

um artigo/resenha de Paulo Henrique Martins em resposta a resenha de Ricardo Regatieri sobre seu último livro “Teoria Crítica da Colonialidade”.

Com relação aos textos apresentados no primeiro grupo, “Desafios teóricos da sociologia”, Geoffrey Players em seu “Quatro perguntas para as ciências sociais na pandemia” afirma que a relevância do nacionalismo metodológico como eixo territorial orientador do debate é um paradoxo visto que o COVID-19 é um fenômeno global. No entanto, acrescenta o autor, as ciências sociais não devem cair no “globalismo metodológico” sendo necessário encontrar o meio termo pois “Uma perspectiva global adequada exige insights empíricos, epistêmicos e analíticos de diferentes regiões do mundo, totalmente incrustados em uma realidade que é ao mesmo tempo local, nacional, regional e global”. Por seu lado, Sari Hanafi no artigo “Para uma Sociologia pósCOVID-19” afirma que o que estamos vivenciando não é mera crise referente a problemas de saúde, de economia ou meio ambiente, mas algo mais amplo, “um momento de verdade relativamente à crise da modernidade tardia e ao seu sistema capitalista numa escala ampla e abrangente”. A partir daí, ele visualiza algumas tarefas importantes tanto relativas à complexidade da questão social e do avanço do neoliberalismo como concernentes a busca de alternativas de reivindicação de justiça social.

O terceiro texto deste primeiro grupo que é assinado por Breno Bringel se intitula “Geopolítica da pandemia, escalas da crise e cenários em disputa”. Nele, o autor lembra que a pandemia chega em um momento histórico de esgotamento dos recursos naturais, de emergência climática e ambiental e de retrocessos democráticos. Para Bringel, as fissuras de classe, gênero e raça, são fundamentais para entender os condicionantes geopolíticos da pandemia e propõe três cenários no mundo pós-pandemia: o “business as usual”, centrado no crescimento do PIB e no desenvolvimentismo; o “Green New Deal”, um novo acordo “verde”, e a mudança de paradigma em direção a uma nova matriz econômica e ecossocial. Ainda neste grupo, Alexandre Simão de Freitas parte do coronavírus para fazer reflexões metateóricas, propondo a partir de teses críticas do antropocentrismo e da colonialidade, que o vírus deveria ser apreendido como um agente descolonizador capaz de afetar o modo como pensamos a experiência do mundo social. Trata-se de uma análise especulativa, diz, desdobrada a partir dos efeitos da chamada virada ontológica na medida em que aprofunda a crítica do dualismo cartesiano que regeu o desenvolvimento da ciência nos últimos séculos. Segundo ele, a

metateoria deve colocar seus conceitos e ferramentas metodológicas em situação de desconfinamento, a fim de conjurar os fantasmas coloniais replicados por nossas fantasias humanistas e mesmo transhumanistas.

O segundo grupo deste número REALIS sobre “Impactos ecológicos e políticos” começa com o texto de Paul Cary e Jacques Rodriguez intitulado “Concepções da natureza e as relações com o capitalismo: análise dos cenários pós-covid-19 na França”. Os autores explicam que o modo como as ciências sociais abordam a natureza influencia diretamente na concepção das atuais lutas pelo meio ambiente. Segundo Cary e Rodriguez há quatro tipos ideais de intelectuais que podem ser classificados a partir de leitura dos artigos especializados usados nesta pesquisa documental. A primeira, pró-capitalista, vê a natureza como um recurso e um potencial de crescimento; a segunda, anti-capitalista entende a natureza como sinal das contradições capitalistas; a terceira, aquela dos pensadores dos “comuns”, insiste mais nas modalidades de institucionalização e a quarta, a mais ecológica, defende um “princípio geral de não interferência”.

Também neste grupo, Jaime Torres Guillen no seu provocante artigo sobre “La gran matanza de animales y otras epidemias de nuestra obsoleta mentalidad industrial”, esclarece a relação da COVID-19 com o extermínio de animais que caracteriza a mentalidade industrial capitalista. Para ele, a lógica da matança tem se estendida a nível mundial, criando uma cultura do extermínio e aprofundando os riscos globais atuais. Contra esta tendência, ele acredita que as ciências sociais e a filosofia têm poucos argumentos sendo necessário resgatar a teses da convivialidade proposta por Ivan Illich. Por sua vez, Elimar Pinheiro do Nascimento esclarece no seu texto “Consequências esperadas (e nem tanto) do Covid-19” que, apesar dos avisos, a pandemia pegou despreparados países e governos, gerando ampla discussão nas mídias e nas redes sociais. A partir daí, ele sugere alguns cenários que evoluem entre os que acreditam que nada muda e os que acham que há mudança radical com o fim do capitalismo. Nesta ampla gama de possibilidades ele antevê três cenários: a ênfase nas mudanças visíveis (corrida tecnológica, aumento da desigualdade etc.), as mudanças prováveis (mudanças na configuração urbana, refluxo da globalização etc.) e as mudanças possíveis (crescimento dos partidos verdes, arrefecimento do neoliberalismo, maior relevância das iniciativas de preservação ambiental etc.).

Enfim, fechando este grupo temos o texto de José Esteban Castro sobre “Solidaridades en confrontación, resistencias y órdenes sociales en tiempos de pandemia”. Neste texto, o autor explica que a pandemia deveria ser vista como um laboratório inesperado para revisitar a relação entre a formação de laços sociais de solidariedade e sua relação com os processos de consolidação, ruptura e emergência de ordens sociais. A este respeito, o artigo examina exemplos de algumas contradições extremas que se manifestaram na América Latina desde a crise desencadeada pela pandemia, particularmente entre as tentativas de revitalizar as políticas de “solidariedade institucionalizada” centradas no papel do Estado na proteção da população e o ataque virulento a tais tentativas por setores sociais unidos pelo darwinismo social e pelo ultraliberalismo. O autor conclui seu texto afirmando que a observabilidade destes processos, não apenas na América Latina mas a nível global, tem contribuído para o desenvolvimento de níveis mais elevados de consciência, o que permitirá avançar na desnaturalização das desigualdades e injustiças estruturais. Para ele, o entendimento destes processos fornecerá a base do desenvolvimento de formas mais inclusivas de solidariedade, no nível das espécies, o que permitirá gerar o surgimento de ordens sociais superiores, mais justas e democráticas.

Finalmente, no terceiro bloco intitulado “Implicações sobre os estudos pós-coloniais”, Jaime Ríos Burga, no seu artigo sobre “La Crisis Raigal del ser moderno colonial en pleno Covid 19”, busca caracterizar alguns aspectos sócio-históricos da crise de modernidade/colonialidade no marco do impacto da COVID-19. Para ele, a crise tem uma dimensão civilizacional que é agravada pelas políticas, identidades e mundos simbólicos. Para superar tal situação o autor propõe “a construção de um novo horizonte de sentido de uma civilização transcultural universal da vida”. E conclui afirmando ser necessário que se afirme na prática da vida os direitos da natureza e humanos em comunidades democráticas interdependentes onde os mercados e a política, a ciência e a tecnologia contribuam para a convivência da boa vida.

Numa perspectiva complementar, Amurabi Oliveira no seu artigo “A Quarentena é branca: classe, raça, gênero e colonialidade” aprofunda a importância dos marcadores históricos, coloniais e psicológicos na organização dos conflitos e pactos sociais. Ele toma como exemplos para reflexão dois fenômenos recentes, o assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos, e a morte do menino Miguel, em Recife, esclarecendo que a

ideia do “novo normal” precisa ser aprofundada. Para ele, esta ideia pode ser muito excludente, contribuindo para naturalizar as desigualdades no contexto da pandemia. Assim, Amurabi Oliveira enfatiza que para muitos e muitas o “novo normal” é apenas uma versão piorada do “velho normal”, marcado por aglomerações no transporte público e no acesso a um sistema de saúde colapsado.

Enfim, Julio Mejía Navarrete no seu artigo sobre “Modernidad, covid-19, y colonialidad en el Perú” destaca alguns elementos cardeais que nos permitem compreender os tempos críticos atuais e seus efeitos particulares em sociedades como a peruana. Para ele, as experiências da vida social afetadas pela pandemia mostram que somente o desenvolvimento de uma lógica que vai além do mercado pode oferecer uma chance de mudança de padrões. Para ele, o medo da doença está ligado ao individualismo de mercado, sendo necessário recuperar a energia coletiva que produz afeto, confiança na relação duradoura com ou outros visando o fortalecimento da vida comunitária.

Para concluir esta apresentação registramos a excelente entrevista concedida especialmente para este primeiro volume da REALIS sobre COVID-19, pelo sociólogo argentino Adrián Scribano, explorando sua análise a partir dos estudos que desenvolve sobre corpo, emoções e sensibilidades. Desde o início da entrevista ele deixa claro que as emoções são práticas corporais e que o corpo é uma construção social. Ele explica que a virtualização das relações sociais, o distanciamento social imposto pelas medidas sanitárias e o isolamento das micro-relações realizadas como uma “bolha” de interação são três facetas da pandemia que nos permitem compreender como é possível que uma sociologia de corpos e emoções faça contribuições e configure um contexto reflexivo para toda a estruturação social em contextos pandêmicos e pós-pandêmicos. Ele conclui sua longa e profunda reflexão anotando que “nas ciências sociais, devemos reivindicar o título de ciências da vida, pois os disruptores endócrinos, a nanotecnologia e a manipulação genética não existiriam sem a intervenção humana, muitas vezes colonial, depredatória e fanática”.

Por fim, encerramos este volume com um artigo/resenha de Paulo Henrique Martins intitulado “Boas razões para ser a favor da crítica plural. Conversando com Ricardo Regatieri sobre a teoria crítica da colonialidade”. Trata-se da resposta do autor à resenha do professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) sobre o livro de Martins,

resenha que foi publicada no último número da REALIS (2019.2). Martins reage às considerações de Regatieri através três comentários. O primeiro deles tem a ver com os usos da ideia de teoria crítica sem referenciar de modo mais preciso a tradição alemão. O segundo, com o uso do conceito weberiano de patrimonialismo para analisar os sistemas de poder na América Latina; e o terceiro, sobre os eventuais limites do uso de utopias libertárias nas ciências sociais, como aquela do Bien Vivir.

Desejamos, finalmente, aos leitores da REALIS uma boa leitura. Os artigos aqui tratados enfocam o tema da pandemia sobre diversas perspectivas que permitem um entendimento mais claro sobre o lugar das ciências sociais e da sociologia no trabalho intelectual de esclarecimento da vida social nos contextos da pandemia e da pós-pandemia.

**Recife (Brasil), Florianópolis (Brasil),
Roma (Itália) e Rio de Janeiro (Brasil),
Outubro de 2020**

**Paulo Henrique Martins, Amurabi Oliveira,
Silvia Cataldi e André Magnelli**